



ORGULHO DE SER HETERO: DISPUTAS EM TORNO DA MASCULINIDADE EM UMA PÁGINA DO FACEBOOK

Carin Klein¹
Alison dos Santos²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a produção e veiculação de representações de masculinidade em uma página do Facebook, intitulada *Orgulho de ser Hetero*. O estudo insere-se nos campos teóricos dos Estudos Culturais e Estudos de Gênero, em aproximação com a perspectiva pós-estruturalista. Para a operacionalização da pesquisa, selecionamos um conjunto de imagens e textos, a fim de explorá-los a partir dos conceitos de cultura, representação e gênero, com a intenção de discutirmos as representações de masculinidade que estão sendo ali veiculadas, ou seja, realizamos o exame de como elas vêm sendo nomeadas, reforçadas, (re)atualizadas, tensionadas e negociadas, por meio dos sentidos que se incorporam a elas nesse contexto.

Palavras-chave: Masculinidade, gênero e representação.

Introdução

Vivemos em um tempo marcado por diversas transformações no âmbito cultural, como a ampliação de conteúdos em diversas e disseminadas tecnologias digitais que, por sua vez, atuam na constituição de comportamentos, sentimentos, atitudes, ou seja, proliferam formas de educar que muitas vezes passam despercebidas do nosso olhar.


É, nesse sentido, que propomos, nesse texto, analisar a página do Facebook “Orgulho de ser Hetero”, tomando-a como um espaço virtual que opera no sentido de educar sujeitos a viver a masculinidade (e a feminilidade), bem como a assumir determinadas formas de se relacionar afetivamente e sexualmente. Esta página possui mais de 1 milhão de seguidores na rede social e começou em resposta ao fortalecimento das paradas LGBT no Brasil afora,³ principalmente a que ocorreu/ocorre em São Paulo, e vem desde então promovendo discursos

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: carink@terra.com.br.

² Graduando em História pela Universidade Luterana do Brasil. E-mail: alison.historia@hotmail.com

³ A Parada do Orgulho Gay de São Paulo se iniciou no ano de 1997, ocorre na Avenida Paulista e objetiva dar visibilidade e representatividade aos movimentos LGBT, assim como o combate à homofobia. É também um evento cultural, tendo seu nome alterado em 1999 para Parada do Orgulho LGBT. No ano de 2013 chegou a atingir 4 milhões de participantes, segundo os organizadores. Faz parte do calendário da cidade, atraindo turistas de várias partes do mundo. Este modelo de manifestação disseminou-se posteriormente para várias cidades do Brasil.





de ódio em suas postagens, abusando de conteúdos de cunho homofóbico, misógino e machista, além de veicular representações femininas ligadas à sexualização e objetificação.

Somente no Brasil, a rede social conta hoje com mais de 100 milhões de usuários, que compreendem todas as faixas etárias. Dentro desta rede social, os usuários agrupam-se em diversas páginas de acordo com suas áreas de interesse, produzindo e disponibilizando conteúdos diários aos seus seguidores. Entendemos que o conteúdo que é disponibilizado através de páginas como a que nos propomos analisar veicula discursos de diversas áreas do conhecimento, assim como do senso comum, atuando na tarefa de nomear, definir, estabelecer normas, regular condutas, instituir significados e criar subjetividades.

Não devemos subestimar a importância que estes locais ocupam em nossa cultura, na medida que entendemos que tanto o gênero, como a sexualidade são construtos, ou seja, nessa construção estão implicados os símbolos, as instituições, os comportamentos, etc., divulgados por meio da linguagem.

“ORGULHO DE SER HETERO”??

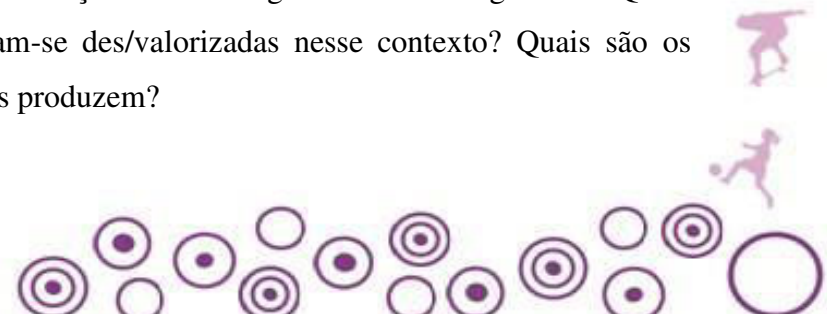
Para a realização das análises e do recorte do material empírico para este trabalho, partimos de compreensões importantes, aliadas aos campos teóricos dos Estudos Culturais e Estudos de Gênero, em aproximação com a perspectiva pós-estruturalista. São elas:

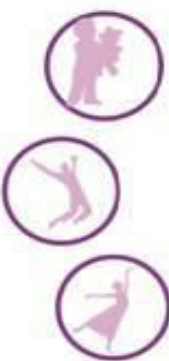
A **cultura** é compreendida como um conjunto de significações que os seres humanos atribuem às suas práticas cotidianas e às suas vidas em sociedade. Desse modo, a ação social é fundamentalmente cultural (HALL, 1997).

A **representação** “[...] inclui as práticas de significação e os processos simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito” (WOODWARD, 2000, p. 17). É através dos significados produzidos por meio das representações que damos sentido a nossa experiência e àquilo que somos.

O conceito de **gênero** nos encaminha as análises de “todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e nomeando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade” (MEYER, 2004, p. 15).

Estes conceitos nos permitem produzir algumas indagações iniciais: como o conteúdo dessa página pode corroborar para a sustentação de uma lógica binária dos gêneros? Quais representações de masculinidades tornam-se des/valorizadas nesse contexto? Quais são os efeitos de poder que essas representações produzem?





Nesse sentido, logo se torna emblemático o uso da foto de perfil da página, que exibe a imagem do ator americano Charlie Sheen, conhecido devido a sua fama e ao seu envolvimento com drogas, ao uso da violência com suas mulheres e vários outros escândalos sexuais, atitudes que lhe conferiram uma espécie de troféu, tornando-o símbolo do orgulho heterossexual.

Ao pensarmos sobre quem e o que representa a masculinidade nas imagens e frases ali postadas, inicialmente nos chama a atenção o fato de haver representações repetidamente valorizadas, por meio de imagens que (conforme Figura 1) corroboram para a representação de um homem branco, de meia idade, vestido como executivo, seguidas de frases que reforçam uma masculinidade vinculada a heterossexualidade, virilidade, força, resistência, dureza e uma posição econômica privilegiada.




Figura 1
Fonte: Elaborada pelos autores.⁴

A masculinidade hegemônica pode ser compreendida por um conjunto de práticas e normas de gênero que legitimam uma posição dominante de determinados homens em nossa sociedade, ao mesmo tempo em que, nesse jogo, produz masculinidades de menor prestígio (CONNELL, 1995). Desta maneira, forma-se uma hierarquização em torno das masculinidades em nossa cultura, de um lado, aquelas associadas à força, valentia, sucesso profissional, e, em outras, formas invisibilizadas ou tratadas como marginais, como exemplo do homem gay, pobre, fraco, efeminado, sensível, uma vez que essa representação contrasta e

⁴ As imagens foram elaboradas pelo(a) autor(a), por meio de *deprint screen* da página “Orgulho de ser Hetero”.





confronta com os pressupostos da masculinidade hegemônica e heteronormativa, divulgada recorrentemente na página analisada.

Connell (1995) evidencia que a construção de uma masculinidade hegemônica tem a função de atuar como um elemento exemplar, organizador e regulador na cultura, mesmo que poucos homens consigam reconhecer-se nela. E acrescenta:

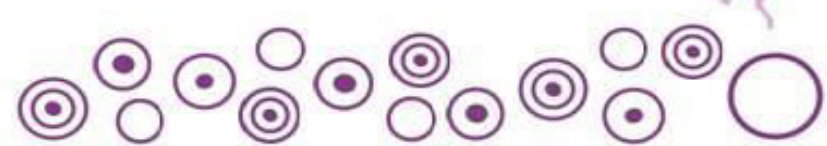
Se gênero é um produto histórico, então ele está aberto à mudança histórica [...]. Nessa narrativa, toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto. A pressão em favor da conformidade vem das famílias, das escolas, dos grupos de colegas, da mídia e, finalmente, dos empregadores. A maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, frequentemente, a repressão de seus sentimentos. Esforçar-se de forma demasiadamente árdua para corresponder à norma masculina pode levar à violência ou à crise pessoal e a dificuldades nas relações com as mulheres (CONNELL, 1995, p. 189-190).

Em outra imagem selecionada (Figura 2), analisamos um conjunto de enunciados, cujo título é: “Como identificar um homão da porra!” que, no caso, saberá realizar “com maestria” determinadas funções e a vivência de sentimentos.



Figura 2

Este homem necessita ser “mestre”, ou seja, exemplar, na troca de lâmpadas, tomadas e interruptores, torneiras e chuveiro, ser apaixonado por veículos, ter o “curso básico de curioso” para pelo menos aprender a consertar (caso não saiba), ter em casa os recursos para esses fins (fita isolante, chave de fenda, chave phillips e furadeira), além de dedicar-se a sua família. Esse homem também não deve ficar de “frescura em rede social”, “aderir a modinhas” ou “ofender-se com zoeiras na internet”. Com isso, pode-se dizer que vai se




compondo um repertório “adequado” de socialização das relações que envolvem gênero e sexualidade.

Ao serem compartilhadas e constantemente reafirmadas pretendem atuar na construção de regimes de verdades, nomeando, consolidando, disputando, e, ainda, entrando em tensão com outras formas de viver a masculinidade. Através dos enunciados, seus seguidores podem reafirmar-se, reconhecer-se e subjetivar-se a partir de uma suposta norma que busca operar sobre as formas de ser, agir, sentir e viver o gênero e a sexualidade. Com um caráter imperativo, a linguagem ali divulgada hierarquiza e exclui as representações de masculinidades que não se enquadram, ou seja, ser um “homão da porra” passa a funcionar como um identificador, mas também capaz de marcar aquele que se opõe, se afasta ou se diferencia, sendo considerado então “menos homem”.



Figura 3

Também verificamos que são compartilhadas imagens que, ao mesmo tempo em que investem em uma representação da “masculinidade hétero”, que necessita para construí-la, afastam-se de características consideradas em nossa cultura como femininas, desvalorizadas, portanto, em relação ao que nesse espaço é tomado como masculino. O “homem hétero” deve ter ainda uma forma de relacionar-se com as mulheres, em alguns momentos, de zelo com a “mulher para a vida toda”, em outros, “romântico” com a mulher que deverá servi-lo, cuidá-lo, cuidar da casa, etc., “mulher ideal” (Figura 3), “antes dos 25 anos”, seria aquela que possuísse um determinado padrão de beleza, sexualidade e feminilidade, usando roupas curtas, cabelos loiros e longos, porém, com o passar do tempo, “após os 25 anos”, a mulher



ideal se tornaria aquela do âmbito privado, preocupada com o seu bem-estar e à disposição para lhe servir, suas roupas e cabelos presos evidenciam agora um comportamento recatado.

Vale ressaltar que é exatamente nestes espaços, em específico na seção de “comentários” de cada postagem, que tais modelos hegemônicos de masculinidade são exaltados, exacerbados, valorizados e afirmados, em detrimento de masculinidades que são consideradas dentro deste contexto como inferiores, subordinados, desvalorizados e até desprezíveis, como já avaliamos (Figura 3). Os comentários dos seguidores geralmente salientam a necessidade de “lutar pela moral e bons costumes” da sociedade, aqueles que segundo eles, “passam de pai para filho” a fim de exercer o que nomeiam como “liberdade de expressão” (e não homofobia) ao legitimar formas de viver a masculinidade que não se encaixam no padrão da página, no caso a masculinidade homossexual.

Para finalizar


Através deste estudo encontramos a re/afirmação de representações de masculinidades, associada à constituição de uma família nuclear, onde o homem necessita ser bem-sucedido, além de exercer a autoridade e o comando das relações. São essas características que dão sentido à masculinidade. Argumentamos que a página *Orgulho de ser Hetero* tem atuado como uma instância educativa que opera no sentido de naturalizar e consolidar algumas formas de viver as masculinidades, historicamente consideradas hegemônicas, ao mesmo tempo em que, por meio de suas postagens, deslegitima, inferioriza e subordina outras formas de ser homem. Nessa direção, busca conformar e reconhecer noções essencialistas e binárias para o gênero e a sexualidade.

Diante disso, cabe ainda indagar: quais são os efeitos e as implicações para a vivência de masculinidades/feminilidades que não se reconhecem nessas representações? Quais os efeitos que a produção das representações de masculinidade, divulgadas na página “Orgulho de ser Hetero” podem trazer para os processos reprodutivos, assim como para a paternidade e a conjugalidade? Neste estudo, não temos como dar conta dessas indagações, mas indicar o caráter educativo e político que envolve a constituição do gênero e da sexualidade.

Referências

CONNELL, Robert. Políticas da Masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20 (2), 1995.





HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, jul./dez., 1997. Disponível em: <http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_02.pdf>.

MEYER, Dagmar Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. **Rev. bras. enferm.** [online], v. 57, n. 1, p.13-18, 2004.

SUMARES, Gustavo. **Facebook tem mais de 100 milhões de usuários brasileiros**. 2016. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/noticia/facebook-tem-mais-de-100-milhoes-de-usuarios-brasileiros/57706>>.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

